

pria estrutura da natureza humana, de modo inevitavelmente corpóreo. E é verdade que o método transcendental de Essen pode falhar nesse aspecto e não levar suficientemente em conta a qualificação histórico-corpórea da natureza humana. Esta permitiria precisamente uma mais clara distinção entre natureza divina – como origem e fundamento – e natureza humana – como originada na dádiva. O desafio conduziria a uma compreensão analógica das liberdades, que supera compreensões unívocas ou equívocas. Parece-me que a questão está bem colocada, em relação ao pensamento de Essen.

A questão que fica, em relação à leitura do autor, é se uma proposta de compreensão baseada na relação – como comunhão interpessoal – de liberdades (humana e divina) não cai na tentação de uma interpretação unívoca dessas liberdades, o que não evita um dualismo fundamental entre humanidade e divindade. A articulação trinitária entre identidade e diferença pode, de facto, servir de modelo. Mas há que ir mais fundo e pensar que consequências possui esse modelo para a compreensão da relação entre Deus e os humanos, a qual permita que um humano – e nele todos os humanos – seja real presença de Deus, sem deixar de ser humano. Há toda uma teologia da mediação analógica – por correspondência – à espera de ser desenvolvida. Este trabalho é um grande contributo nesse caminho, pois ajuda a colocar muito bem as questões envolvidas.

JOÃO MANUEL CORREIA RODRIGUES DUQUE

ESPIRITUALIDADE

Aa. Vv., Pequenos passos possíveis. Chiara Corbella Petrillo: as palavras às testemunhas, (Braga: Apostolado da Oração, 2015), 220x150, ISBN 9789723908060, 112 pp.

É sugestivo o título deste livro (*Pequenos passos possíveis*) e enorme a figura nele evocada: Chiara Corbella Petrillo, uma jovem italiana falecida a 13 de Junho de 2012, com apenas vinte e oito anos de idade. Trata-se de alguém que não nos é muito familiar, mas cuja história de vida e de amor vale a pena conhecer. E é esse o objectivo deste livro, em registo plural, dando voz às testemunhas (*a palavra às testemunhas*).

De facto, o livro apresenta um conjunto de interessantes e eloquentes testemunhos (do marido, dos pais, do padre espiritual e de tantos e tantos amigos) sobre esta mulher simples, mas com uma grande capacidade de sofrer e de amar. A vida reservou-lhe momentos muito duros: a malformação e morte prematura dos seus dois primeiros filhos (de registar a decisão de levar a gravidez até ao fim, com enorme alegria!) e, por último, a sua própria doença e sofrimento. Partiu muito cedo, mas o seu exemplo de vida deixou marcas que perdurarão, como o testemunham o Enrico, seu marido, e o Francesco, seu filho, assim como os muitos amigos que, neste livro, escrevem.

O Papa Bento XVI disse, a determinada altura, que “a casa que Deus gosta de construir é a vida dos Santos”. Palavras sábias que aparecem ilustradas e reforçadas por este livro que agora apresentamos. A sua leitura pode gerar alguma comoção interior, mas seguramente reverte-se também num enorme proveito espiritual. Assim nos apercebemos melhor de que os santos são “amigos de Deus e dos homens padroeiros”.

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA